

RUY CASTRO FALA DOS 50 ANOS NO JORNALISMO E SUAS BIOGRAFIAS

# IMPRENSA

JORNALISMO E COMUNICAÇÃO



JUNHO/JULHO 2017 | ANO 30 | Nº 325 | R\$ 18,00

- **MERCADO DE TRABALHO:**  
REFORMA TRABALHISTA TRAZ  
RISCO PARA JORNALISTAS
- **JORNALISMO PLURAL:**  
COMO AS DIFERENÇAS  
CONTRIBUEM NAS REDAÇÕES

## LAERTE AMPLIA A VOZ DA DIVERSIDADE

■ APÓS REVELAR QUE SE VESTIA DE MULHER, CARTUNISTA PROVOCOU DISCUSSÃO SOBRE A QUESTÃO DO GÊNERO NA IMPRENSA

■ LAERTE PENSA EM ENTRAR NA JUSTIÇA PARA TROCAR O GÊNERO NA IDENTIDADE E RECLAMA DA FALTA DE COBERTURA SOBRE O TEMA NO BRASIL

**AGÊNCIA MURAL** CRESCE E DÁ VISIBILIDADE À PERIFERIA SEM PRECONCEITO

# LAERTE AMPLIA DEBATE SOBRE DIFERENÇAS

DESDE QUE ASSUMIU A  
TRANSGENERIDADE, TEMA FOI  
MAIS DEBATIDO PELA IMPRENSA

POR JUSSARA SOARES  
EM COLABORAÇÃO

Encontrar uma brecha na rotina de compromissos tem exigido da cartunista Laerte Coutinho, de 66 anos, malabarismos com horários, tarefas diárias e certa dose de boa vontade para não recusar pedidos de entrevista. “Olho minha agenda e suspiro, desanimada”, escreveu em um dos e-mails trocados para esta reportagem. Embora um dos principais nomes dos quadrinhos no Brasil com mais de quarenta anos de profissão, Laerte passou a receber particular interesse da imprensa a partir de setembro de 2010, após revelar à *Revista Bravo!* que se vestia de mulher. Jornais, sites, programas de rádio e televisão abriram seus microfones para a figura feminina que se sobrepôs ao homem que existiu ali por 59 anos.

“Fui mais entrevistada de 2011 para cá do que em toda minha vida profissional anterior. A questão de gênero ainda é um assunto inquietante”, diz a artista, que enquanto vivia sua transição foi se tornando um amplificador da voz da diversidade na mídia. Não porque tenha todas as respostas, mas, principalmente, porque faz todas as perguntas.

O documentário “Laerte-se”, o primeiro original da Netflix no Brasil e disponível na plataforma desde o dia 19 de maio, foi concebido para embaralhar ainda mais esse jogo. “Não é um filme feito para dar respostas que apaziguem quem o assiste, mas um filme que permite inquietações novas a quem estiver disposto a se arriscar a elas. Não queremos explicar as questões, mas compli-

cá-las. E cada um vai ter as suas próprias. E não apenas para as questões de gênero, mas para as várias questões que nos atravessam pela vida”, conta a jornalista Eliane Brum, diretora do documentário junto com Lygia Barbosa.

No início do filme, uma cena mostra uma troca de e-mails entre Laerte e Eliane. A cartunista, que posou nua para a *Rolling Stone* em 2013, resistia em abrir a própria casa para a filmagem. “Aparecer nua não é um problema para mim, mas Eliane observou que a minha nudez era a minha casa. Fiquei mexida com isso. Filmar na minha casa foi muito mais íntimo.”

No sobrado alugado há 14 anos no bairro do Butantã, na zona oeste da capital paulista, onde a artista vive com duas gatas morava também a intimidade que a recente curiosidade da imprensa não havia devassado. “Eu e Eliane queríamos fazer um filme que fosse além do que estava na mídia, e Laerte estava muito exposta naquele momento. Não fazia sentido para nós começar algo se não fosse diferente, um filme leva tempo e este tempo também foi necessário para nós três”, diz.

Entre a primeira reunião com as diretoras até Laerte decidir abrir as portas de sua casa levou quase um ano. Já decidir revelar ao jornalista Armando Antenore, na reportagem da *Bravo!*, o seu comportamento feminino foi uma decisão sem muito pensar.

A transgeneridade já vinha sendo experimentada e elaborada por Laerte através de seus personagens, que já extrapolavam o limite do masculino: Hugo revelava características femininas,





por meio da prática de “crossdressing” com Muriel; e Djalma se travestia de mulher para dar vida à dançarina e atriz Muchacha. “Não foi uma decisão muito pensada. Eu vi uma oportunidade”, diz Laerte, afirmando que poderia permanecer em segredo por mais um longo tempo pela imensa capacidade de postergar decisões e atitudes. “Não é que eu não aguentasse mais ser homem, nunca achei um problema. A questão é que ser mulher era muito melhor. E não fazia mais nenhum sentido ser homem.”

Na vida fora dos quadrinhos, Laerte também já vinha exercendo a sua feminilidade. Em 2009, começou a frequentar um clube para “crossdresser”. Foi nesse contexto que Laerte conheceu Maitê Schneider, presidente da Abrat e militante da causa TransEmprego. Ela conta que a cartunista participava do “Brazilian Crossdresser Club (BCC) escondida sob o codinome “Sônia Cateruni”. Nas reuniões em pousadas no interior de São Paulo e Rio de Janeiro, as participantes tinham de palestras de autoestima a cursos de maquiagem.

“Para mim, a novidade da entrevista na *Bravo!* era que a Sônia era o Laerte cartunista. Eu não sabia”, diz Maitê, que viu a cobertura midiática se tornar mais atenta e até mesmo mais sensível após a quadrinista se revelar transgenera. “A Laerte é um marco de fazer com que as pessoas falem sobre o tema, de tirar as pessoas trans da margem da sociedade e fazer com que tenham mais respeito”, diz.

Para Laerte ainda há um caminho longo a ser percorrido. “Até pouco tempo a transgeneridade era tão bizarra quanto à zoofilia”, compara. E até

**“FRANCAMENTE,  
EU NÃO QUERO  
TER UMA  
CÉDULA DE  
IDENTIDADE  
QUE DIGA QUE  
SOU HOMEM.  
EU ACHO ISSO  
UM ABUSO.  
ISSO É UMA  
VIOLÊNCIA  
ÀS PESSOAS  
TRANS, UMA  
HUMILHAÇÃO.  
E A IMPRENSA  
NÃO FALA  
SOBRE ISSO”**

hoje, critica a quadrinista, todas as identidades que cabem embaixo do guarda-chuva LGBT ainda não conseguem ser traduzidas e desvendadas pela mídia. “Quando o tema transgeneridade entra nesse circuito, carregado de discussões éticas, políticas e sociológicas, os veículos ficam zonzos.”

Ao revelar sua transgeneridade, Laerte diz ter passado por uma inquirição de sua intimidade por repórteres. “Queriam saber se eu usava calcinha, se eu mijava sentada, se eu seguia vestida como mulher dentro de casa”, lembra.

Neste tempo de exposição, até considera parte da imprensa capaz de fazer um debate qualificado sobre o tema. Outra, no entanto, se prende ao conservadorismo e é avessa às transgressões e mudanças tanto quanto o seu público. “A imprensa é um monstro de muitas cabeças, de ouvidos e bocas diferenciados. Todas e oferecem ouvidos diferentes. De modo geral, um veículo presta muita atenção no perfil do seu público. Esse é um problema, o caráter conservador.”

Tolerante com as perguntas indiscretas, Laerte foi à justiça contra o jornalista Reinaldo Azevedo, revista *Veja* e rádio Jovem Pan. O colunista, em artigo em seu antigo blog no site de *Veja*, usou expressões como “falsa senhora”, “baranga moral” e “homem que se veste de mulher”. No fim de 2016, a justiça condenou os três a pagarem uma indenização por danos morais de R\$ 100 mil. A defesa recorre da decisão.

Um dos incômodos mais recentes da cartunista é o fato da imprensa não ter feito uma matéria sobre as novas identidades que resume o





Arquivo Pessoal

cidadão em masculino ou feminino, de acordo com o sexo que nasceu. “Francamente, eu não quero ter uma cédula de identidade que diga que sou homem. Eu acho isso um abuso. Isso é uma violência às pessoas trans, uma humilhação. E a imprensa não fala sobre isso.”

Laerte pensa em ir à Justiça para alterar nos documentos o seu gênero, mesmo sem a cirurgia de mudança de sexo. Mas não vai mudar o seu nome. No começo, considerava adotar o nome de Sônia, como fazia nos encontros de crossdresser, mas a força do seu nome conquistada na trajetória profissional a fez repensar. “E quando vi que tinha uma primeira-dama de São Bernardo do Campo chamada Laerte (mulher do ex-prefeito Maurício Soares), eu me decidi definitivamente”, diverte-se a quadrinista, que defende o projeto de lei do deputado federal Jean Willys (PSOL-RJ), que propõe a mudança do prenome para maiores de 18 anos sem a necessidade de ir à Justiça. “A ideia é que esse serviço seja feito diretamente no cartório, apenas com o pagamento de taxas. Por enquanto, é preciso ter um advogado particular.”

A artista não é de fugir de lutas. Militante desde a juventude, participou de movimentos comunista, associações de jornalistas e artistas gráficos, e até ajudou a fundar um clube de choro. Com a transição, encontrou acolhida na militância LGBT. “Participar de movimento é o meu modo de fazer vínculos na vida pessoal e pública, me encontrar no meu tempo e no meu lugar”, diz.

Laerte participou da fundação da Associação

**“A QUESTÃO  
É QUE SER  
MULHER  
ERA MUITO  
MELHOR. E  
NÃO FAZIA  
MAIS NENHUM  
SENTIDO SER  
HOMEM”**

Brasileira de Transgêneros (Abrat) e do site TransEmpregos, que busca vagas no mercado de trabalho para pessoas trans, junto com a atriz Maitê Schneider e Márcia Rocha, a primeira advogada trans a receber a carteira da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) com seu nome de mulher. “Empregar trans é o problema, não gays e lésbicas. Por enquanto, apenas multinacionais têm apoiado o projeto, mas estamos caminhando.”

O ativismo e a nova mulher trouxeram a novidade de ser referência para a comunidade trans e abordada nas ruas por fãs. Muitos jovens, em sua maioria. “As pessoas querem tirar foto. Eu acho legal. Dizem que a partir de um certo número de selfiest, a gente se cansa. Ainda não cheguei a esse número. Para mim não é nenhum problema em ser reconhecida, é bem tranquilo. É uma conquista.”, afirma.

Quando jovem, sentiu falta de modelos gays positivos. “Eu achava que era uma maldição ser gay. Engavetei o projeto por muitas décadas. A vida homossexual era muito dissimulada. As pessoas não casavam e não namoravam. Tinham caso”, diz a artista que afirma não estar em um relacionamento sério. “Não estou namorando, mas também não estou solteira.”

Enquanto segue quase com o papel de educar a imprensa, na vida pessoal Laerte não se importa que antigos amigos a tratem no masculino. O neto de quatro anos a chama de avô, segue sendo pai e filho. “Sou uma mulher possível. Eu sou uma mulher que consigo ser.” **■**